

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)
ARMANDO ROCHA CRUZ
Delegado em Lisboa: EMÍLIO VALONGO Tel. 45457

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA MINISTRO DUARTE PACHICO, 9
TELEFONE 59—VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO—TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



O 1.º DIA DAS FESTAS da Misericórdia EM TAVIRA

► Marcou com um espectáculo de fulgurante beleza regional; de cor e de elegância.

Por LUÍS SEBASTIÃO PERES

DOMINGO, 28 de Agosto: *Sob uma manhã de um sol quente, escaudante mesmo, — a «Bela Adormecida», acordou sob o estralar de morteiros e de foguetes e dos acordes da Banda de Música, a anunciar às gentes da fidalga cidade do Gilão que ia dar-se começo do Festival em benefício da Santa Casa da Misericórdia.*

TAVIRA, ia reviver as

LICEU DE FARO

Foi acrescida de mais de cem a frequência de alunos deste liceu.

As suas instalações, são demasiadas escassas para a população escolar com grave dano para toda a Província.

Porque se não pensa em construir um edifício só para a população feminina?

O seu número justifica-o e o Algarve merece-o.

suas Grandes Festas de há 30 anos!

A cidade, registou, no primeiro dia de festa, uma enorme afluência de visitantes, vindos de todos os pontos do Algarve, dando uma nota buliçosa e alegre ao burgo taviresente.

A II Gincana Automobilística no Campo dos Jogos do Ginásio Clube de Tavira, patrocinada pelo Clube «Os 100 à Hora», resultou espectáculo brilhantíssimo, onde a elegância predominou.

Concorreram a esta prova 49 concorrentes, alguns deles, «autênticos azes do volante», que emprestaram a este número, arte, beleza e distinção. Foi uma tarde encantadora. Na noite, com

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

O EDIFÍCIO ESCOLAR DE CORTES PEREIRAS

A seis quilómetros a noroeste de Alcoutim em sítio elevado e batido dos ventos levanta-se uma série de lugarejos, cada um com seu nome próprio e todos conhecidos pelo nome genérico de Cortes Pereiras.

Teve a sua escola, cremos que hoje reduzida a posto escolar e a população ergueu para ela um edifício próprio. Construção sem projecto nem direcção passados anos ameaçava ruir soterrando os que lá se encontrassem. Para evitar essa tragédia foi alugada uma casa.

Não tem janelas e as suas dimensões são tais que nela só cabem cinco carteiras uma delas debaixo da chaminé. De modo que a pobre da regente para acudir à leccionação dos alunos divide-os, por falta de lugar, em dois grupos com exaustivo prejuízo para a sua saúde.

Erguem-se muitos e formosos edifícios para acolher as crianças por todo o País.

Quando chegará a vez destas? Não acreditamos que continuem permanentemente engeitadas...



Acabou a «Volta» e dela saiu risonho um campeão das estradas de Portugal — Sousa Cardoso.

Olhos postos no bom comportamento dos algarvios então em prova, daqui saudamos o brilhante vencedor e o clube a que pertence — F. C. do Porto.

O PROBLEMA DAS COMUNICAÇÕES ENTRE LISBOA E O ALGARVE

DIZ o «Jornal do Barreiro» que por motivo das Comemorações Henriquinas e pelas multidões que essas festas atraíram, foi chamada a atenção de modo mais insistente para o problema das comunicações entre Lisboa e o Algarve. E, continua: «É impossível de prever o desenvolvimento que esta província teria quando, por estrada ou por caminho de ferro estivesse a menos de 3 horas de Lisboa... Este valor não é do domínio da fantasia; médias semelhantes são simples rotinas em numerosas regiões da Europa, menos dotadas por Deus do que o Algarve o foi.»

Mas o Algarve ocupa já um lugar de bastante relevo

perante milhares de estrangeiros que visitam esta encantadora província. Urge resolver os problemas de comunicação, já considerados desactualizados e insuficientes, em relação ao número de pessoas que circulam entre Lisboa e o Algarve. Se o número de visitantes, quer estrangeiros, quer portugueses, aumentou de modo extraordinário, é óbvio que se substituiu as antigas vias, evitando assim as inevitáveis exclamações de protesto, os dissabores, os atrasos, etc.

O Algarve precisa desse melhoramento, já pelo progresso que isso representaria e também em atenção aos empreendimentos turís-

(Conclui na 6.ª Página)

COISAS & LOISAS DE OLHÃO (2)

por J. Carlos Silvestre

COLECTIVIDADES

As colectividades em Olhão vivem, desde certo tempo a esta parte, uma situação difícil reflexo quer da quebra do espírito associativo dos seus habitantes, quer da situação de crise em que a vila se debatia pelo menos até ao aparecimento do peixe que, ultimamente, tem morrido na nossa costa. E ao referirmo-nos a colectividades não fazemos distinção nem quanto ao género de actividade a que se dedicam nem quanto ao número de associados que cada uma delas possui. De facto, o problema é idêntico tanto para a associação recreativa como para a desportiva ou a cultural; — obstruindo, claro, as diferenças de índole que existem, forçosamente, entre elas quer para as que possuem para cima dum milhar de associados (caso do Sporting Clube Olhanense e Clube Desportivo OS OLHANENSES), quer para as que possuem umas escassas centenas deles (caso do Cineclub Olhanense, Ginásio Clube Olhanense, etc.).

Na verdade, a situação financeira desses clubes é quase sempre deficitária e quando assim não acontece as suas economias não comportam as verbas necessárias para fazer face ao seu desenvolvimento progressivo. E é assim que, por exemplo, o Sporting C. Olhanense não pode ver ainda ampliada a bancada do «Estádio Padinha» nem a relva, verdejante, cobrir o seu rectângulo de jogo; o Clube D. OS OLHA-

(Conclui na 2.ª página)

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Passelo á vila

Imaginem vocês, meus amigos, e não é difícil: um tronco de árvore, cortado de seus ramos e raízes. Seco e sujo. Recoberto de casca negra, onde o musgo esfarrapado acaba por fazer ninho. Ponham-lhe ao alto a barba redonda, queimada pelo sol, uma barba de restolho alentejano. Aqui temos o pobre que me fez companhia em grande parte do percurso. Ele mais isto, mais aquilo, um palreio feliz de ter quem lhe dê ouvidos. Que não mora em sítio nenhum: dor-

(Conclui na 2.ª página)

Impõe-se a Construção de um novo Edifício para o Liceu Regional DE PORTIMÃO

e a sua passagem a Liceu Nacional

● ACENTUA O SEMANÁRIO «COMÉRCIO DE PORTIMÃO»

IMPÕE-SE a construção de um novo edifício para o Liceu Regional em Portimão e a sua passagem a Liceu Nacional — afirma o semanário «Comércio de Portimão» que pede também a criação do terceiro ciclo naquele estabelecimento de ensino.

Sobre o assunto salienta, em certo ponto, o «Comércio de Portimão»:

«Tratando-se de um Liceu Regional, que serve uma área vastíssima, com uma população de 150 mil habitantes, distribuída por numerosos concelhos, parece da maior justiça libertar a Câmara de Portimão dos encargos que tem com este liceu, não só porque é destinado a servir vários concelhos e não apenas o de Portimão, mas também porque a continuação deste estado de coisas representará o aniquilamento puro e simples da nossa cidade.»

E acrescenta:

«Todo o auxílio que o Es-

tado nos possa prestar apresenta uma magnífica aplicação de capital, dadas as nossas magníficas condições naturais de criação e desenvolvimento de riqueza económica, pouco vulgares.

Por isso estamos certos de que os Poderes Públicos acabarão por nos fazer justiça.»

CRÓNICA DE FARO

A Passagem DO «ECCO I»

Por RUY REBOCHO

SOAM as 11 horas no relógio do Arco da Vila.

Do lado do mar uma ligeira brisa vem acariciar-me o rosto, fazendo-me de novo voltar à realidade, depois de por alguns momentos ter cemicerrado os olhos, tentando encontrar no meu subconsciente qualquer facto que pudesse porventura servir de assunto, para encetar esta crónica.

A luz dos candeeiros filtrada através das ramagens das árvores

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

CRÓNICA DE OLHÃO (3)

REALIDADE E FANTASIA

Pelo DR. L. MOREIRA DOS SANTOS

NÃO aceitamos, nem mesmo como hipótese remota, pois seria absurda, que a falta de movimento renovador e progressivo de Olhão resulte da sua proximidade com Faro.

Acreditar nas alegações dos que afirmam não faltar em Faro quem intencionalmente entrave o progresso de Olhão em benefício da capital Algarvia, seria fazer uma declaração pública de que há entidades responsáveis de tal tacanhez de espírito e de olhos tão fechados aos ensinamentos da História e da Vida, que automaticamente a si próprios se proclamavam incompetentes para os lugares de chefia em que foram colocados.

A História ensina que nunca a

CONSTRUÇÃO de Escolas Técnicas

Além das 55 novas escolas técnicas que estão a ser construídas no país e cujos encargos ascendem a cerca de 600 mil contos, foi ontem a concurso a construção de mais 6, orçadas em 50 mil contos.

As seis novas escolas ficarão situadas nas Caldas da Rainha, Estremoz, Vila Nova de Famalicão, Moura, Pombal e Vila Real de Santo António.

Os trabalhos de construção de Escolas Técnicas seguem em ritmo acelerado, visto que nos últimos cinco anos a população escolar que busca cursos técnicos aumentou em cem por cento.

proximidade foi prejudicial à harmónica e livre expansão de duas terras vizinhas, do que é exemplo frisante e eloquente a própria história de Faro e de Olhão. A sua proximidade não impediu que, no passado, quando se expandiam sem entraves, se transformassem nos dois aglomerados populacionais mais importantes do Algarve.

Ninguém ousará dizer que a proximidade de Vila Nova de Gaia entravou o desenvolvimento do Porto, ou que foi prejudicada a

expansão de Lisboa com o crescimento quase repentino de Almada.

Cada região e cada povo tem as suas características peculiares e tão vincadas que lhes imprimem rumos inconfundíveis e tão distintos que nunca poderão entrar em concorrência prejudicial. Pelo contrário, muitas vezes se completam, impulsionando o mútuo desenvolvimento. Pretender arbitrariamente e abusivamente impedir a

(CONCLUÍ NA 5.ª PAGINA)

UMA CARTA À REDACÇÃO

VELHOS PROBLEMAS DE MONTE GORDO

MAIS uma vez estou de visita à sua linda praia pérola engastada neste maravilhoso colar que é toda a costa algarvia. Parece-me que começa agora a despertar do longo torpor em que mergulhara embalsada naquela ária de sonolência derrotista referindo-se aos que a procuram: «Mas para que é que nós cá os queremos?» ou então «estamos aqui tão sossegadinhos, o que vêm cá fazer?» E todavia o mar maganimo ali se oferece em toda a sua esplendorosa beleza espreitando-se, beijando mansinho a areia dourada da praia.

Desde que Matias Sanches irascível mas activo, inteligente, fez o que ali está, tudo caiu em estagnação. Surge agora, Domingos Sousa Uva com o seu hotel e o mais que tem em projecto e presente-se que alguma coisa anda no ar, em alvoroço. Merece tudo a maravilha divina que ali está.

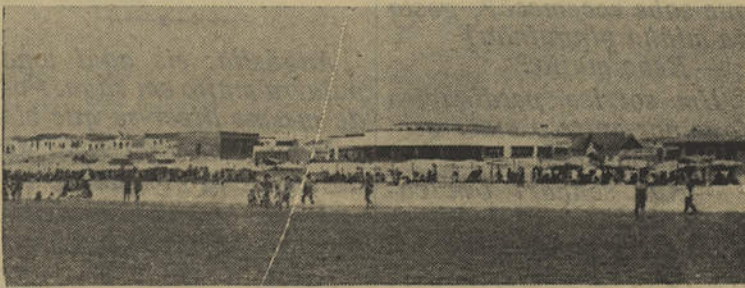
Permita, meu caro Director, que

eu, que já não me considero um intruso, aponte algumas deficiências que ali encontro.

Estas são obra dos homens que têm o dever de lhes acudir, fazendo-as desaparecer.

Há dias encontramos no largo principal de Monte Gordo um casal que de Lisboa viera de visita a um filho que pela segunda vez ali vi de procura aos seus males. Está o rapaz na pensão, única,

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)



Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa e filhos tem estado nesta vila o nosso estimado assinante e amigo sr. dr. Armando Celorico Drago residente em Lisboa.

Encontra-se em Lisboa, onde está frequentando o curso de Férias do B. S. B., o nosso estimado amigo e prezado assinante sr. Luis Cardoso de Figueiredo, digno comandante da corporação local dos Bombeiros Voluntários.

Retirou para Faro, onde passa a residir o nosso prezado assinante sr. José Joaquim Lourenço da Silva.

Encontra-se nas Caldas de Monchique, na sua habitual cura de águas, o nosso estimado amigo e prezado assinante sr. dr. Alonso Vasques.

Igualmente esteve nas Caldas de Monchique, o nosso prezado amigo e estimado assinante sr. António da Cruz Martins, residente nesta vila.

Em viagem de recreio, visitou o sul de Espanha, acompanhado de sua esposa, o nosso estimado amigo sr. Manuel Martins Viegas Alvares.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção, o nosso colaborador sr. Luis S. Bastião Peres, que se encontra no Algarve em gozo de férias.

Nascimentos

Na sua residência, em Vila Real de Santo António, deu à luz uma robusta criança do sexo feminino a sr.ª D. Maria Elisabete do Livramento Toledo, esposa do nosso estimado amigo sr. António Cabellos Oropeza Toledo, a quem endereçamos as nossas felicitações.

Casamento

Em ambiente de distinção, realizou-se o casamento, no passado dia 23, na Igreja de S. João de Deus, da sr.ª D. Maria Bernardete dos Santos, gentil filha da sr.ª D. Ana Maria dos Santos e do sr. Joaquim dos Santos, proprietário da «Electro-Vitória», conhecido representante da «Philipe Portuguesa», em Portimão, com o sr. Armando Tróvisco Ayres, filho do sr. António Ayres, industrial em Cascais e da sr.ª D. Amélia Ayres.

Foram padrinhos da noiva, o sr. João António Simões Tavares, proprietário em Portimão, e sua esposa sr.ª D. Zulmira Rosa Tavares, e do noivo o sr. José Augusto Martinho, industrial de pelarias finas; e sua esposa sr.ª D. Maria dos Anjos Ramos Martinho.

O copo de água realizado após o acto religioso, na Casa do Leão no Castelo de S. Jorge, marcou pela distinção e elegância dos convidados e foi servido pela «Pastelaria Bernard», do Chiado.

O jovem casal seguiu depois, cerca das 19 horas, para Madrid, de avião, em viagem de núpcias.

Daqui endereçamos ao simpático casal os mais sinceros votos de felicidades.

(Conclusão da 1.ª página)

me por aqui e por ali, a manta por cima e ala que se faz tarde! E lá por causa disso nunca o sono lhe faltou.

— E quando chove?

— Ora quando chove... que não chova!

— Mas não há uns albergues para vocês?

— Isso há, mas eu, fogue!... Não quero ter piochos, está a senhora a perceber?

— Não tem ninguém? Filhos, netos?

— Pois sim! Até uma filha casada no Barreiro! Não me quer com ela porque sabe vocemecê?, gosto da minha pinguinha!

— Bebe muito?

Um sorriso perdigueiro fuge por entre o mato cerrado da barba:

— Não senhor! Um copo... de cada vez! Rimos ambos, como dois gavroches.

FESTEJOS EM HONRA DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO

TIVÉRAM início no dia 1 do corrente as solenidades religiosas em honra da Padroeira desta vila, Nossa Senhora da Encarnação, que se prolongaram até hoje dia 4.

Segundo o programa, elaborado, as cerimónias dos dias 1, 2 e

às 18,30 horas, Procissão com a Veneranda Imagem da Querida Padroeira Nossa Senhora da Encarnação, na qual se incorporaram todas as associações religiosas existentes na paróquia, com suas insígnias e estandartes. Durante a passagem na Avenida mar-



5 constaram de Serviço de confissões, às 16,30 horas, e tríduo solene preparatório, com sermão e bênção do Santíssimo Sacramento, às 21,30 h.

Hoje dia 4, haverá às 9 horas, missa, comunhão geral e prática adequada; às 12 horas, missa solene e sermão; às 18 horas, missa vespertina implorando as bênçãos de Deus e a protecção de Nossa Senhora da Encarnação para os marítimos da nossa Freguesia;

ginal, as traineiras e outros barcos de pesca, embandeirados, andarão com as sirenes e foguetes a Virgem Nossa Senhora. Sermão ao recolher da procissão; às 22 horas, Concerto Musical e vistosos fogos de artifício.

A exemplo do que se tem feito nos anos anteriores, é de esperar que todas as pessoas residentes em casas sitas nas ruas por onde passa a procissão, coloquem colgaduras nas janelas.

COISAS & LOISAS DE OLHÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

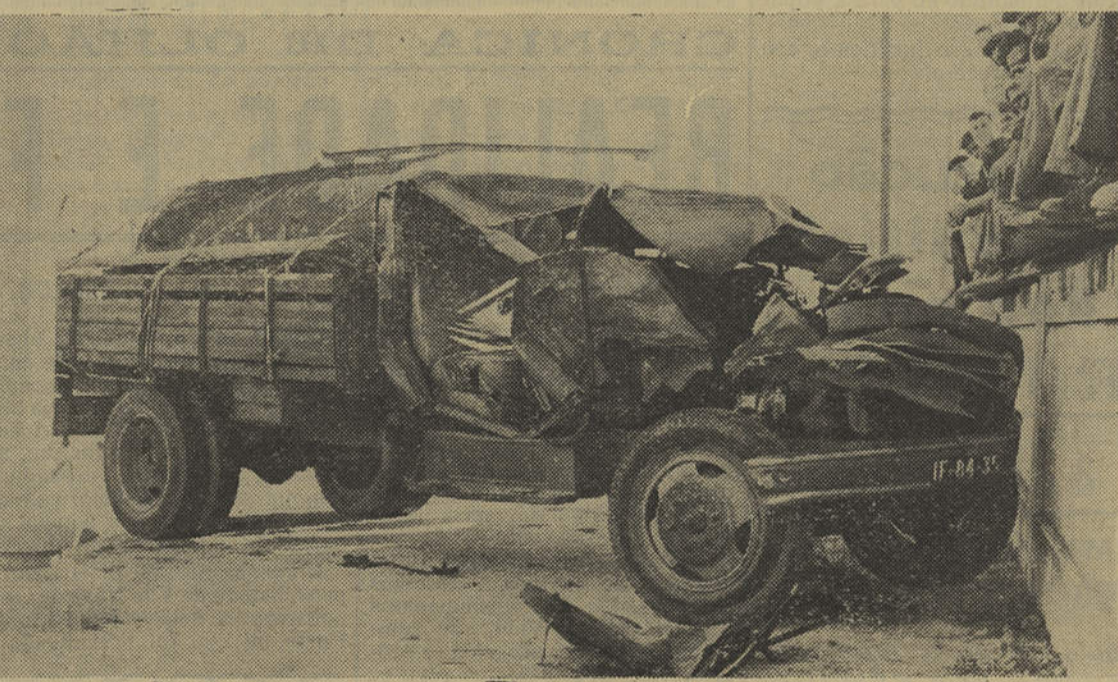
NENSES, que há dois anos mudou, a expensas suas, as instalações desportivas para novo recinto, ainda não ardecedado verba para acimentar o rectângulo de jogo além de manter bem viva a aspiração de vir a possuir um ginásio; o Ginásio C. Olhanense há anos que se esforça para dotar o seu campo de basquetebol com as condições mínimas exigidas para a prática da modalidade, incluindo a electrificação do mesmo; o Cineclub Olhanense — a única agremiação marcadamente cultural da vila, tem visto reduzida e desprestigiada a sua actividade por não possuir um projector sonoro de 16 mm; a Sociedade Filarmónica União Olhanense não pôde mais ter e ser filarmónica, etc., etc.

Verifica-se, facilmente, que as necessidades dos clubes excede em muito as suas possibilidades financeiras e a capacidade de realização de fundos pelos seus próprios meios. Carecem pois de auxílio externo para não cair em marasma que conduz quase sempre ao atrofamento e extinção das colectividades. E são as autarquias locais, as Federações respectivas e outras Instituições que, precisamente, lhes devem prestar esse auxílio sob a forma de subsídios pecuniários, etc., não somente quando perigoso a sua existência, por falta de auxílio, mas também para incitamento e como prémio duma actividade clubista que eleve e prestigie a ter-

ra. Neste particular o S. C. O. tem sido, sem dúvida o mais beneficiado mas ele é também, não o esqueçamos, aquele que, pela natureza da engrenagem a que pertence, consome verbas maiores e o que mais precisa. Todavia, isto não deve nem pode ser motivo para que sejam esquecidas as restantes colectividades ainda que elas não solicitem subsídios — o que pode acontecer até por ignorância, por descrença ou mesmo por vergonha. Não se pode, sob pena de se formar um mau conceito, fazer tábua razea desses clubes sob pretexto de que só o futebol conta e que... «o resto é paisagem».

A ser verdade uma notícia que chegou ao nosso conhecimento, é de louvar a iniciativa da Câmara Municipal de Olhão concedendo um subsídio ao modesto mas combativo Ginásio Clube Olhanense para electrificação do seu campo de jogos, velha aspiração deste clube, citada por nós neste artigo. Oxalá este gesto não seja um caso isolado e que a C. M. O. acuda a outras colectividades que lhe tenham solicitado auxílio, como por exemplo o Cineclub, que as que, não o tendo feito, nem por isso deixam de o merecer.

J. Carlos Silvestre



Esta é uma das imagens flagrantes que se nos deparam nas estradas — Legenda regada de sangue e lágrimas. Guie com cuidado e precaução, Leitor, amigo, e terá uma mais viva recordação das suas agradáveis férias.

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

doirada, desespero de arrancá-la.

Não. Não sei o que seja. Nada feito comigo, existencial angústia, irresolúvel angústia!

A minha angústia resolve-se em solidariedade, em compreensão, em desejo de modificar. Minha angústia resolve-se em colectivo. Sei que não há portas de saída individuais. A busca dessas portas é que leva à angústia existencial: impossível encontrá-las.

Só há hoje uma porta de saída: a que servirá a todos.

— Maria Manuela Nunes

BOMBEIROS

Passou o entusiasmo do Congresso de Faro. Não cremos que fosse água a ferver e a desfazer-se em bolas que sobem ao ar sem utilidade.

Para se provar a sua eficiência não seria agora ocasião própria de se levantar o edifício dos bombeiros em Vila Real de Santo António? Eles bem o merecem ainda há pouco se provou, com o incêndio de Cartão, em Espanha. Acumularam-se as matérias de construção mas meteu-se a *Burocracia* e Deus nos acuda.

UMA RUA INTRANSITÁVEL em Vila Real de S.º António

Pedem-nos alguns Leitores, que chamemos a atenção das entidades competentes para o aspecto lastimoso que apresenta a rua Padre Américo, frente às casas dos Vicentinos, totalmente intransitável a veículos automóveis, tendo sucedido constantemente ficarem atolados inúmeros veículos automóveis.

NOVO ESTABELECIMENTO

Abre amanhã na Rua Oliveira Martins, com montra para a rua Teófilo Braga o novo estabelecimento «Optica Rubi», com artigos ópticos e fotográficos.

Anunciar no «Notícias do Algarve»

AGENDA

TRAINEIRAS

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António de 26 de Agosto a 2 de Setembro.

| | |
|--------------------------------|---------------|
| Infante | 144.945\$00 |
| Suestada | 135.210\$00 |
| Norte | 125.600\$00 |
| Maria Rosa | 101.940\$00 |
| Flor do Sul | 95.540\$00 |
| Le-tia | 88.905\$00 |
| Ramira | 86.820\$00 |
| Brisa | 86.380\$00 |
| Andaz | 81.690\$00 |
| Raulito | 81.260\$00 |
| Flor do Guadiana | 67.450\$00 |
| Vulcão | 65.690\$00 |
| Concejanita | 61.780\$00 |
| Perola do Guadiana | 60.200\$00 |
| Agão | 56.080\$00 |
| Liberta | 46.440\$00 |
| Trunfante | 39.715\$00 |
| Nova Sr.ª da Piedade | 34.510\$00 |
| Oeste | 22.090\$00 |
| Fernando Carlos | 20.320\$00 |
| Salvadora | 19.480\$00 |
| Alecrim | 17.000\$00 |
| Sete Estrelas | 12.565\$00 |
| Sr.ª da Saúde | 9.460\$00 |
| Alvarito | 6.240\$00 |
| Clarinha | 5.950\$00 |
| Isa | 5.770\$00 |
| Tufão | 4.520\$00 |
| Les'e | 4.400\$00 |
| Restauração | 3.870\$00 |
| Costa Azul | 4.380\$00 |
| Noroeste | 3.600\$00 |
| Janita | 2.740\$00 |
| Bom Sucesso | 1.820\$00 |
| Total | 1.604.320\$00 |

Peixe diverso apanhado por várias embarcações 42 2'3500

Total 1.646.533\$00

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 2 a 8 de Setembro a Farmácia SILVA, Rua Dr. Miguel Bombarda — Telefone 64.

Mozimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 29 de Julho a 5 de Agosto.

Entrados:

ANNALISA, Italiano, de 449 ton. de Leixões, com carga em trânsito.
MIRA TERRA, de 563 ton. e MARIA CHRISTINA, de 549 ton., Portugueses, ambos de Lisboa, vazios.

Saídos:

ANNALISA, com amêndoas para Marselha.
SÃO MACÁRIO e MARIA CHRISTINA, com minério para Lisboa.
GRANDSON, com conservas para Génova, Livorno e Savona.
MIRA TERRA e MARIA CHRISTINA, para Lisboa, com minério.

EXPORTAÇÕES

MAIS DE 35.000 CONTOS DE CONSERVAS DE PEIXE EXPORTADAS EM JANEIRO

AS conservas de sardinha em azeite ou molhos, constituíram as principais exportações de peixe durante o mês de Janeiro.

Ao todo foram exportadas 2.377 toneladas de conservas de sardinha, 218 de anchovas e 15 de cavala, cujo valor atingiu, respectivamente, 31.916 contos, 4961 contos e 283 contos.

Os maiores importadores de sardinha em conserva, foram a Alemanha (10.145 contos), a Inglaterra (2901 contos), a Bélgica (2686 contos) os Estados Unidos (2.661 contos) e a França (2.240 contos).

Foram os Estados Unidos, com 2.665 contos, os grandes compradores de anchovas — 17 toneladas — figurando a Inglaterra com 20, a Alemanha com 18 e a França com 12.

JULHO; MÊS VULTUOSO PARA A EXPORTAÇÃO DE CORTIÇA — OS VALORES EXPORTADOS ATINGIRAM 131.890 CONTOS

FOI de 131.790 contos o valor da exportação de cortiça durante o mês de Julho.

Avultaram nas vendas a cortiça em prancha (38.485 contos), em rolhas (34.938 contos) e em aglomerados para isolamentos (18547 contos).

O total da exportação em peso subiu a 15.575 toneladas.

1.000 TONELADAS DE CARNES CONSERVADAS FORAM VENDIDAS PELA METRÓPOLE AOS MERCADOS EXTERIORES

CERCA de 1.000 toneladas de carnes conservadas foram vendidas pela metrópole aos mercados exteriores durante o ano de 1959.

O valor total da exportação subiu a 26.498 contos, figurando a Venezuela, Moçambique e Angola entre os principais importadores, respectivamente com 8.517 contos, 8211 e 5.775.

A lista de compradores inclui a Inglaterra, o Congo e os países da antiga África Equatorial francesa.

8.000 TONELADAS DE PRODUTOS HORTÍCOLAS NAS EXPORTAÇÕES DE 1959

CERCA de 46.750 contos rendeu a exportação em 1959, de produtos hortícolas fornecidos pela Metrópole aos mercados exteriores.

Trata-se apenas, de produtos em conserva, atingindo o seu peso 7.928 toneladas.

Os maiores importadores foram a Inglaterra (24.593 contos), a Noruega (7.206 contos) a Irlanda (2.562 contos) e a Dinamarca (2.436 contos).

Angola e Moçambique figuram, cada uma, com mais de 1990 contos.

UMA DÁDIVA VALIOSA

à Igreja de Castro Marim

Em Castro Marim foi oferecido, à Igreja do Nossa Senhora dos Mártires, no dia da festa religiosa da Padroeira local, 15 de Agosto, pelo Sr. Juiz Conselheiro Dr. João Bernardino de Sousa Carvalho, filho dedicado da mesma Vila, um paramento litúrgico que foi aquele com que o Padre António Henrique Mascarenhas de Sousa, tio do oferente, e falecido há 65 anos, celebrou a sua primeira Missa, naquela Igreja, há 80 anos.

Nesse mesmo dia o Rev.º Pároco António d'Oliveira Henrique, utilizou esses paramentos para celebrar a Santa Missa, com regozijo da população local.

LUTUOSA

ANTÓNIO DOS SANTOS TENREIRO

Faleceu, no passado dia 20, vítima de atropelamento, o professor António dos Santos Tenreiro, de 87 anos, pai do comodoro Henrique Tenreiro, vogal da Comissão Executiva da União Nacional e delegado do Governo junto dos Organismos Corporativos das Pescas.

PERDERAM-SE

Chaves de mala de viagem e cadeado, na Esplanada de Cacela, ou no trajecto de Cacela Monte Gordo.

Gratifica-se a quem entregar nesta Redacção.

página de ARTES E LETRAS



ARTISTAS ALGARVIOS

«A MENINA DO LAÇO»

Do Pintor Samora Barros

Espectáculo em Faro, pelo Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve

O Crime da Aldeia Velha

de entre os bastidores

Anti-crónica e anti-crítica e anti-rapé e anti-tudo

Por detrás do pano caído, revolteava um nervosismo bastante explicável. E teve quase a chamar-lhe TRAC, mas esse só aparece quando o actor entra em cena. Felizmente, nessa noite, ninguém se deu ao luxo de estar com o TRAC, o que, diga-se de passagem, é bastante chic e se traduz em afonias, dores de barriga, etc., e tal. Depois que se assentou definitivamente e que o TRAC apeia dá nas pessoas que têm a noção da responsabilidade do que é enfrentar um público, essa rassa compacta e indistinta que serve o impressionismo, e daí, não dá em todas, talvez por detorpação de sentido, o amadorzinho cá do sítio liga ao TRAC a ideia de, eu sei lá, despersonalização, impersonação, concentração, memória emocional e sensitiva, e outras coisas no género, em que acredito, mas ao fim de bastantes anos de escola de teatro, que se traduz em técnica e trabalho, e vai o tal amadorzinho, quando se aproxima a altura de entrar em cena, assim que o contra-regra, escal-

fado e descontrolado lhe dá a vez de atenção, começa a encostar-se às paredes, a respirar fundo, a cravar as unhas nas palmas, a pôr os olhos em bico, enfim, a concentrar-se, a despersonalizar-se, etc... E o desprevenido do leigo que veja uma ante-cena destas, as quais geralmente só se dão na sua presença, fica pasmado, maravilhado, cai em transe, achando que aquele rapaz é um artista, que aquilo deve ter nascido com ele, e o tal artista a olhá-lo pelo canto do olho a ver se continua a ser observado. Ao fim e ao cabo, é um bluf, enganam-se os dois.

Mas voltemos ao teatro Lethes, onde infelizmente não há nenhum caso destes e está na hora de começar o espectáculo.

É se não estou em erro, a quarta peça posta em cena pelo Grupo de Teatro de Círculo Cultural do Algarve, e encenada pelo dr. Emílio Campos Coroa. Diga-se por alto, que serviu para levantar o moral dos componentes do grupo, que haviam ficado um tanto desiludidos com a representação de RATOS E HOMENS de John Steinbeck, peça inteiramente incompreendida pelo público de Faro, na qual este se limitou a ver — em vez de um punhado de homens que lutam por um ideal a que aspiram, e por paradoxal que pareça, nunca alcançarão, condição necessária e suficiente para que o seja, e o qual representa para uns, um rato macio, para outros um bocado de terra e ainda para terceiros um par de mulas — uma stúcia de ideotas que andam ao soco e ao pontapé por causa da mulher do filho do patrão da herdade, que é bastante duvidosa.

Palavra que se tira daqui uma moralidade de rabo na boca.

Com «O Crime da Aldeia Velha» o grupo de teatro do Círculo Cultural do Algarve, foi o único do Algarve que concorreu este ano ao Concurso de Arte Dramática para Amadores, promovido pelo SNI. O espectáculo realizou-se no Teatro Lethes, no passado dia 19.

No psico de ópera do Teatro Lethes está tudo a postos. Os jovens amadores do grupo entreolharam-se roendo as unhas. Não é que eles tenham nervoso, qual história, é apenas um certo receio, bem compreensível, por certo, se atendermos a que vão afrontar um júri que não é para brincadeiras. O dr. Emílio Campos Coroa dá as últimas instruções e faz a cabeça em água ao aderecista, para saber se está tudo nos seus lugares. Espera-se apenas o sinal, sinal esse que será dado pelo aparecimento do júri, o qual como é da praxe, chegará um pouco atrasado.

Se me permitem, um aparte: Se há uma coisa que me complica, e mais do que tudo espelha e amadorismo é o espreitar-se por detrás do pano. E depois, o pano de boca do Teatro Lethes é tão cheio

de lindos e floreados buracos, que é um dó de alma não se espreitar.

Retomemos o assunto. Finalmente apareceu o júri e um borbolino passou pelos jovens actores. Quem são? Quem serão? Acabou por descobrir-se, como aliás acontece com todas as coisas. Era nada menos, nada mais que o sr. dr. Fernando Amado, professor de Arte de Representar no Conservatório Nacional, o Actor Pedro Lemos e o Poeta Arlindo de Jesus. O sinal foi dado e o mestre Roseta, que estava dependurado na corda do pano, como o enforcado do cerro, e com um olho metido, mais do que nunca, pelo outro, puxou-a com quantas forças tinha, galvanizado, auxiliando o cilindro.

E o espectáculo começou. O ce-

(Conclui na 4.ª página)

O Diálogo Interior NO ROMANCE MODERNO

ANALISANDO a nova técnica do Romance, um crítico afirmava há pouco que «muitos dos romancistas franceses, e quase todos os escritores novos, são justamente influenciados pelo romance americano. Principalmente pelas diversas técnicas narrativas e descritivas, afinadas por Virginia Wolf e John dos Passos, e levadas à sua máxima perfeição por romancistas tais como James Joyce, Steinbeck, e outros».

«Essa técnica, ou melhor, essas técnicas, são as do monólogo interior e da descrição simultânea», diz o crítico, e cita, seguidamente, alguns escritores franceses que têm sabido aproveitar bem a «técnica americana».

Ora, a técnica do diálogo interior é muito simplesmente francesa.

O seu a seu dono. Quem primeiro empregou, quem criou o diálogo interior foi Eduard Dujardin, no seu livro «Les Lauriers sont coupés», e na sua «Initiation au páché et à l'amour».

Foi nessas obras que nós encontramos, há bons 40 anos, essa técnica moderna que, como se vê, é bem francesa.

Valéry Larbaud, nos «Amants»

(Conclui na 4.ª página)

CRÍTICA À CRÍTICA

(Conclusão do número 371)

FÁCILMENTE se confunde o noticiário, o tradutor, o comentarista, o parafrazeador das obras alheias com o ensaísta crítico. Crítico sem tese, crítico sem hipótese, não é crítico. E que teses ou hipóteses podemos nós descobrir, percorrendo a prosa de tantos e tantos «ensaístas»?

Para que um ensaísta crítico possa considerar-se assim, deverá, no mínimo, satisfazer estes requisitos:

- 1.º — Um critério, tese ou hipótese de trabalho que conduza a selecção das suas leituras e unifique as suas opiniões em torno de um ideário simultaneamente objectivo e original;
- 2.º — Ler livros em quantidade suficiente para poder comparar, hierarquizar e eleger os autores que de facto *ficam*, pois só desses o crítico deve ocupar-se;
- 3.º — Manter a independência perante os movimentos vigentes, criando o seu próprio (este factor religa-se ao primeiro);
- 4.º — Apostar no valor dos autores, que nascem, acreditando ou não acreditando neles, em vez de servir de eco às «celebridades» inventadas por editores e que toda a imprensa stúida nos termos invariáveis do elogio irresponsável, podronizado, imbecil;
- 5.º — Andar à frente do tempo, adivinhando, intuindo, pressentindo os seus juízos.

Este último factor é, de certeza, o mais importante e o mais difícil, aquele que verdadeiramente define um crítico de estirpe. O crítico existe na verdade para vencer o tempo, por isso não pode desculpar-se com ele. Lembrem-se hoje as palavras proféticas de Almada Negreiros, em 1918, sobre Amadeo de Souza Cardoso, mas esquece-se que em 1918 ain-

da ninguém sabia quem era Amadeo e muito menos quem era Almada. Enquanto (agora sim!) derramamos flores elegíacas sobre Amadeo ou foguetório elogiativo sobre Almada, esquecemo-nos de que sob a nossa covardia ou indiferença, sob a nossa ignorância ou miopia, sob a nossa inveja ou cupidez, outros Almada e outros Amadeo podem estar a ser vítimas dos cavalos de corrida do momento, dos nomes da voga, dos nomes iguais ao que, em 1918, também andavam nas gazetas, nas galerias, nos areópagos — e que hoje ninguém lembra, ninguém conhece.

Sim, o crítico deverá impedir que Camões volte a morrer na miséria. O crítico aposta, arrisca-se, antecipa-se ao tempo. Mais importante que a sua função didáctica (ensinando o escritor a escrever e o leitor a ler) é a sua função propedéutica:

- 1.º — antecipando-se aos juízos do tempo e sendo ele próprio o juízo da posteridade;
- 2.º — ensinando escritores e lei-

(Conclui na 4.ª página)

A NOSSA ANTOLOGIA

M. Teixeira Gomes

Por JUCIANO S. MORAIS

NÃO é intenção nossa, neste despretensioso intróito ao texto que escolhemos para iniciar a nossa secção de antologia, dizer algo de novo sobre este ilustre estilista, filho honroso do nosso Algarve, até porque muitos indicados para tal e pertencendo mesmo à elite dos intelectuais portugueses, a ele dedicaram muitas e muitas páginas de farta literatura mais aconselháveis sem dúvida aos estudiosos da extraordinária e maravilhosa obra que nos foi legada por Teixeira Gomes.

Mas parece-nos que não é de mais renovar o interesse que a sua obra literária nos merece não só por Teixeira Gomes se ter elevado à maioria dos seus contemporâneos, tanto no campo das letras como até no da política, mas ainda porque no seu estilo desempoeirado, límpido e penetrante arquitectou uma obra notável e fora de série que está de sobejo indicada para a nova geração nela se inspirar seguindo-lhe fervorosamente os passos.

Limitar-nos-emos pois em apresentar somente alguns breves apontamentos biográficos.

Nascido em Portimão em 1860 faleceu, cego e quase esquecido no seu exílio voluntário em Bougie na Argélia, em 1941. Na sua vida de político foi, primeiro, o

(Conclui na 4.ª página)

CONTO

de António Macheira

Até Amanhã, Meu filho

A CHAVINHA emperrou um pouco, mas o estalido, já tão conhecido, da lingueta a correr, fez-se ouvir. Conceição suspirou, satisfeita, enquanto a pequena porta de ferro forjado se abria lentamente. O vidro estava baço e as suas duas pequenas cortinas brancas pareciam húmidas e manchadas. A pequena lamparina apagara-se e um cheiro a azeite queimado veio-lhe às narinas juntamente com o odor subtil de duas rosas amarelas que murchavam na jarrinha de porcelana. A moldura de madeira polida também sofrera os efeitos da humidade e o rosto que rido esfumava-se sob uma neblina cerrada. Conceição puxou de uma ponta do xaile e limpou tudo cuidadosamente até que o rosto voltou a sorrir, num sorriso eterno, feliz. Sofregamente, beijou o retrato. Mas lembrou-se de qualquer coisa e lamentou-se em voz baixa.

— Ai, esta minha cabeça, Luís. Não faças caso. Boa tarde, meu filho. Novamente limpou a moldura.

— Sabes? O tem não pude vir por causa da chuva. Eu bem me importava, mas o teu pai... Ora! Estas molduras. Nossa Senhora! Custou-me quinze escudos, na feira do ano passado... Nunca dou com o geito. Ah! Já está. Se me constipei da outra vez, tusso outra vez, e não saio disto (tu bem o conheces) e eu acabo por ficar em casa. A tal dor não há meio de passar. Vem daqui, mete-se pelas costas...

Que disparate, Luís! Vá lá, que ninguém olhou para mim. Depois a noite sem dormir, um vendaval dos demónios, o teu pai a roncar e a acordar-me; «Isto é chuva, Conceição?» — «E', sim João; uma chuva igualzinha à da tal noite...» Agora estou estafada. O teu pai

ficou em casa a dormir. Quem diria que hoje estaria um dia assim, tal e qual como da outra vez...

Agarrou no pequeno frasco que estava a um canto, desenrolhou-o lentamente e, inclinando-se sobre o recipiente da lamparina, deixou correr o azeite que restava. Um novo pavio foi colocado e acendido. Conceição fez um pequeno sinal da cruz com o fósforo antes do o apagar. Os seus lábios continuavam num vai-vem incessante, que poderia parecer uma oração. Mas não era.

— Tu não estás molhado, pois não? Aqui as cortinas estão encharcadas. O teu vizinho de cima é que deve apanhar mais humidade. Oxalá que se dêem bem. A Maria ainda fala deste luxo, a parva. Se calhar o meu filho haveria de ir para o chão e ser espeznhado! Somos pobres mas, graças a Deus o teu pai arranhou aquele negóciozinho de peixe... fez outro sinal da cruz com o fósforo apagado e jogou fora. Sorriu inconscientemente.

— Que linda tarde, Luís. E isto hoje está muito animado, graças a Deus. Olha, a mãe do Rafael chegou

fim

as mãos abertas apenas e as cidades iguais bloqueadas de sorrisos quotidianos

suicidaram-se-me os olhos na procura vertical das praias

os homens morrem silenciosamente ante o olhar finito do soldado nocturno

maria tereza horta
1959

agora e trouxe-lhe um ramo de malmequeres. Não o tens visto, Luís? Vocês eram tão amigos... Suspirou — às vezes penso como a vida deve ser aborrecida para vocês aí em cima.

Duas velhotas magras, vestidas de negro, aproximarem-se de Conceição.

— Nosso Senhor te Salve, Çanita.

— Boa tarde, tia Adelita. E à sua mana também.

— O olhar perscrutador da velha Adelia fixou-se no retrato grande.

— Que belo moço, o teu santinho! Todas as vezes que passamos por aqui digo à Luisa: «Veja lá, mana, aquele rapaz que morreu afogado. E' mesmo igualzinho ao da imagem de S Sebastião, que temos lá em casa...»

Finalmente as duas velhas afastaram-se e Conceição bateu com uma mão na testa.

— O jantar! — e duas lágrimas correram-lhe pelo rosto envelhecido. — Daqui a pouco é noite. Arroz com ervilhas, lembraste? O teu prato preferido. Agora já não o faço no tacho azul, mas sim, no pequeno.

— As lágrimas corriam-lhe. — Sou uma parva, Luís. A chorar por uma coisa destas.

Enxugou os olhos com o lenço branco. Parecia mais aliviada. Meteu o pequeno frasco numa algibeira da saia. E, empurrando brandamente a portinha de ferro, que gemeu de mansinho, Conceição disse, em voz baixa:

— Até amanhã, meu filho.

VISADO PELA Comissão de Censura

FARMÁCIA DE SERVIÇO EM OLHÃO

Está de serviço permanente de 3 a 10 de Setembro, a Farmácia PROGRESSO, Rua Almirante Reis — Telefone

QUINTO POEMA PARA EUNICE

I

Virás nua nas algas no negro mar da angústia desde o rio turbulento que prendeu os teus cabelos como uma mãe de treva gelo e medo Virás Eunice á praia onde estarei crucificado com a boca serena e parada no caminho da esperança

II

Cala a canção dos punhais neste momento de ausência deserta a Rua Direita desta cidade sem limbos porque Eunice quero esperar a hora em que o sol nasce trémulo para lá do horizonte que nunca atingiremos apesar da rosa que nos feriu às mãos sem dono

Candelas Nunes

Artes e Letras

M. Teixeira Gomes

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

insigne embaixador de Portugal em Londres, precisamente no período em que mais difíceis se mantinham as relações entre os dois países, e depois, de 6 de Agosto de 1925 a 11 de Setembro de 1925, o ilustre Presidente da República, o condutor exímio da política internacional de então. Na sua vida de literato passaram por ele os últimos românticos, todos os realistas e simbolistas e alguns modernistas, mas apesar das diversas escolas literárias que nortearam os seus contemporâneos, a sua pena permaneceu imutável, não sendo um verdadeiro parnasiano mas mais um libertinista, quando evoca cenas da sua vida fogosamente vivida em eternas deambulações pelo mundo.

A sua obra é uma amálgama de impressões de viagens, descrições das paisagens, monumentos ou pessoas e remorações sensuais das cenas pagãs eróticas, a que assistiu ou mesmo viveu.

E é numa destas cenas, em que os seus livros são tão pródigos, que escolhemos o fragmento que completa por hoje a nossa antologia, e que nos pareceu ser aquele em que Teixeira Gomes mais se compraz em nos ofertar todas as virtudes do seu inebriante e preciosíssimo estilo.

«Chegávamos à Praia Grande quando justamente o livre rancho de moças que eu buscava vinha entrando em água. Eram mais de vinte e todas elas sem mais roupa do que a vélnha saia branca enfiada ao pescoço; pela maneira da saia saía-lhes o único braço que tinham solto, o que as assemelhava a grandes bonecas de trapos, de configuração singularmente ridícula e só com um braço inteiro.

Mas essas bonecas endiabradas atroyam os ares sonoros da praia com desatinado alarido. Gritavam todas a um tempo, lançando-se ao mar destemidamente, salvo algumas, raras, que, sem por isso gritarem menos, se ficavam indecisas à borda-d'água, sem afoiteza para seguir as companheiras, e tomavam banho na balbúgem das ondas, em cócoras ou de bruços, depois de muito bem persignadas e com repetidas evocações à Virgem Maria que as livrasse do terrível tubarão, cuja boca é capaz de engolir navios de três mastros e na falta deles papar meninas; que é uma consolação.

O bicho metológico tomou naquela manhã a minha forma temerária, pois em tanto que as donzelas brincavam no mar, despia-me eu, emboscado por detrás dum leixão, e nadava mansamente para o grupo. Ao mesmo tempo o caçador ia por terra apanhar os vestidos das moças e recolheu-os no bote.

A minha súbita aparição provocou indizível terror, consternadíssimo espanto, e tão exagerado rebate que logo se me afigurou tudo fingimento. Com a pressa de fugir rasgavam-se-lhes as desfiadas saias para dar soltura aos braços,

Ó Crime da Aldeia Velha

(Conclusão da 3.ª página)

nário de concepção de Tony e executado por Júlio Piloto impressionou admiravelmente. Elásticamente perfeito, enquadrado com bastante realismo e tragédia de uma rapariga de uma aldeia de Portugal. O autor, Bernardo Santareno, inspirou-se na feitura desta sua peça, num caso verídico, ocorrido em 1932, na aldeia de Soalheãs (Marco de Canavezes), em que um grupo de velhas, julgando uma rapariga possuída do demónio, não estiveram com meias medidas e sob a regência de uma delas, louca para mais ainda, queimaram-na mesmo.

Como se vê a peça é de choque e termina com a queima da rapariga. O final do terceiro e último acto é simplesmente arrasante. A um azul pálido que ilumina toda a cena, o grupo de velhas chama em côro gritado, tentando abafar os gritos lacinantes da rapariga: «Sai desse corpo Satanás!»

Todas as figuras da peça se mantiveram a um nível bastante razoável, devendo exceptuar-se a protagonista Joana, desempenhada por Maria Salomé Rolão, que foi muito além do que era lícito esperar dela e destruindo assim todas as dúvidas que ainda pudessem existir acerca das suas possibilidades cénicas, e a velha louca Zefa, interpretada a um nível insuspeitado pela sr.ª dr.ª Maria Amélia Coroa, mercê de uma interpretação bastante inteligente.

Certamente que se teria tirado

mas soltavam-se também os seios atrevidos, desvendava-se o mármore roliço das coxas e tudo o mais que o bom recato e a prudência honestidade mandam que ande oculto. Debalde corriam as pobrezinhas pela praia, procurando a roupa que ficara dependurada nos cabides naturais das rochas. Duas delas, que sofriam de acidentes, puseram-se a escubujar na areia; tiveram as outras que lhe acudir e formaram roda. Roda foi ela que, apenas restituída a si as duas falsas padecentes, desandou em festivo baile. Entoaram-se lindas cantigas, em coro, que se repercutiam alegremente nas solitárias anfractuosidades dos rochedos, e fizeram-se mil inocentes loucuras. A tudo aplaudia o meu velho caçador, erguido na proa do bote e grotesco como um sátiro...

(Extraído do livro «Inventário de Junho», da Portuguesa Editora)

Juciano Simões Morais

José A. Filipe

Ó DIÁLOGO INTERIOR no Romance Moderno

(CONCLUSÃO DA 3.ª PÁGINA)

hourcuy amanta», publicado por volta de 1923, usou-a com grande mestria. E, com a sua reconhecida probidade literária, declarou num artigo publicado nas «Nouvelles Littéraires», se não estamos em erro, — que não era ele o criador do diálogo interior, mas sim Edouard Dujardin, nos livros de quem o havia colhido.

Se alguns romancistas o descobriram em obras americanas, é que se o encontraram depois de ele ter feito uma viagem de ida e volta ao Novo Continente.

O diálogo interior nasceu em França. Pode ter ido à América, aprender a falar inglês, e regressado para cá com traço americano: — mas é francês e francês de lei.

E não sofreu melhoria na viagem. Podem-se comparar as páginas do seu criador, Dujardin, e também as de Valéry Larbaud, com as dos romancistas ianques a quem o crítico atribue a paternidade dessa técnica, e ver-se-há que não são inferiores as destes, e que talvez as superem.

Restabelecida pois a nacionalidade e a paternidade desta técnica, (antes da linguagem industrial ter invadido a literatura dizia-se: «forma»). E todos podem verificar a justeza da nossa afirmação, cotejando os livros e as datas, — há um reparo a fazer à seguinte afirmação do crítico:

«O monólogo interior não serve senão para descrever antes simples e medíocres», diz, e acrescenta: «Porque tem de ser esquemático; senão, torna-se incompreensível».

Passa a última asserção, que a si mesma se destrói pelo elogio. Mas a primeira parece-nos

(Conclusão da 3.ª página)

tores a ganhar tempo pela distinção básica entre valor e mediocridade, entre a criação ou poesia e o que não é criação ou poesia.

Segundo este critério propedêutico (sem o qual não existe crítico), a análise das obras perde-se em questões internas de pormenor estético. Ora uma obra vale em função do humano e só vale a que atingir o nível de criação. As outras giram em circuito fechado: satisfazem o autor mas não ganham a órbita espiralada da obra com tangência universal. Satisfazem a arte literária, talvez; mas deixam intangível o complexo homem-cultura. Uma obra pode ter muito interesse dentro de um determinado raio de acção: de família, tribu, partido, região, país. Mas com aquilo a que chamamos critério propedêutico, o crítico exige um raio de acção muito mais vasto.

abusiva do direito que cada um tem de ser paradoxal.

O diálogo interior é uma forma admirável para revelar estados de alma, para vincar o carácter e esclarecer a psicologia das personagens. Não vamos portanto, porque só possa ser adequado a descrição de entes simples e medíocres.

Será porque, filmando todos os tempos do movimento do espírito, do desenrolar dum pensamento, revela que se veem integrar na sequência lógica quebrando-a, lembranças e pensamentos parciais, que, por não terem nada que ver com a reflexão a que a personagem está entregue, dão ao desenrolar das suas ideias um aspecto desconexo e desordenado, impróprio ao ente superior?

Mas esse movimento do espírito é comum aos medíocres e aos superiores. E talvez mais a estes. Principalmente em certos estados psicológicos de dispersão.

Um dos grandes méritos de Edouard Dujardin foi ter-lo adivinhado, numa dessas admiráveis intuições com que os artistas, por vezes, se antecipam às descobertas da ciência.

Quanto à «descrição simultânea nem pode ser», talvez as suas vantagens não sejam tantas como ao crítico se lhe afigura.

É certo que permite alargar o campo da observação; mas reduz-lhe muito a profundidade. E não estamos seguros de que essa técnica, se adapte com proveito ao espírito analítico francês.

VENDE-SE

Prédio devoluto, de grande área e com armazém, sito em Vila Real de Santo António na Rua S. João de Brito, n.º 34, com ligação para a Rua Sousa Martins.

Enviar propostas para a Avenida da República, n.º 160 - FARO.

Visado pela Comissão de Censura Trabalhadores Estudantes

Acrescentamos à nossa lista como preito de homenagem mais um nome:

Rogério Gonçalves Tacão, Azinhal, distribuidor de artigos eléctricos, quarto ano do Instituto Industrial.

consideramos Bern. Santareno o renovador em Portugal do trínio Terra-Povo-Sangue? Será, pois, O Crime da Aldeia Velha, a tragédia do Amor impossível, como o foi «As Bodas de Sangue» e «A Promessa» a tragédia da mulher sem homem, como o foi «A Casa de Bernarda Alba».

O Grupo de Teatro do C. C. A. conta, pois, com mais um êxito no seu activo.

Desejamos sinceramente que todo o esforço empregado para colocar esta peça em cena, tenha uma justa recompensa e felicitamos o dr. Emílio Campos Coroa pela feliz encenação.

José Reis

A FOTOGRAFIA

"CALÊ"



EXECUTA TODOS OS TRABALHOS DE GALERIA, AMADORES E REPORTAGEM



Rua Dr. Miguel Bombarda, 12

OLHÃO

TIPOCOLOR

EXECUTA TODOS OS TRABALHOS TIPOGRÁFICOS TRAVESSA 18 DE JUNHO — OLHÃO

Pensava que o meu vestido estava branco...

...mas o dela tem a brancura OMO!



Ela fica tão contente quando as pessoas notam que a sua roupa está realmente bem lavada, mais branca. Ela sabe que a maior parte das pessoas aprecia as boas donas de casa pela brancura da sua roupa, e é por isso que ela usa sempre Omo. Lavada com aquela espuma abundante e eficiente de Omo a

roupa fica tão bonita e bem cuidada — com a brancura Omo. E dura mais tempo! Omo faz sozinho a maior parte do trabalho da lavagem; por isso poupa tanto a roupa. Só Omo deixa a roupa como ela quer — bem lavada, perfeitamente livre de toda a sujidade, impercivelmente limpa e por isso, mais branca!



lava mais branco!

60-OM-25

INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA, SACAVALÉM

VON BRAUN

«O Pai dos Foguetões» revê-se no jovem português que ganhou o «Prémio Infante D. Henrique» de Astronáutico.

ESTOCOLMO — Revê-se num jovem português, de 19 anos Luís de Albuquerque, o «Pai do Foguetões», Von Braun.

Ao saber que Luís Albuquerque, que se encontra integrado na delegação portuguesa ao Congresso Internacional de Astronáutica, fora vencedor do Prémio Infante D. Henrique de Astronáutica, Werner Von Braun, chefe dos programas de mísseis do Exército norte-americano, procurou-o para o felicitar e para lhe dizer que fora exactamente com a mesma idade, aos 19 anos, que também ele começara as suas experiências e os seus estudos com foguetões.

Luís de Albuquerque, muito emocionado pela honra da distinção, que atraiu as atenções de centenas de pessoas, ficou extremamente pálido e só dificilmente respondeu às perguntas que lhe eram feitas pelo cientista.

No entanto, pouco depois afirmava:

«Foi o maior momento da minha vida».

PALMIRA BASTOS SEGUIU PARA O BRASIL

POR via aérea partiu no dia 23 para o Brasil — onde não há 52 anos — a actriz Palmira Bastos, em viagem patrocinada pelo Secretariado Nacional da Informação.

Palmira Bastos, seguiu para o Brasil a convite do Centro de Turismo de Portugal no Rio de Janeiro.

Naquela cidade estão a ser-lhe preparadas diversas homenagens.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

Página

DESPORTIVA

Por
FREDERICO REBELLO

FUTEBOL ♦ VELA ♦ ANDEBOL

V E L A

Vamos hoje falar de Vela uma modalidade com profundas tradições no desporto nacional e também no desporto algarvio, onde as condições são ideais para a sua prática.

No ano das Comemorações Henriquinas, dos Jogos Luso-Brasileiros e dos Jogos Olímpicos, todos eles assinalados com representações condignas da vela portuguesa, parece-nos mais do que nunca o momento apropriado para rever os problemas da Vela algarvia.

Torneio Anual de «Snipes» da M. P.

DISPUTOU-SE em Lisboa nos passados dias 27 e 28 de Agosto, o torneio anual de snipes da M. P., destinado a avaliar o desenvolvimento técnico dos diversos centros.

Competiram nove barcos em representação do Continente e Ilhas Adjacentes no percurso Belem-Algés-Cova do Vapor. A classificação ficou assim ordenada depois das três regatas que constituíam o torneio:

- 1.º — Setúbal
- 2.º — Lisboa
- 3.º — Olhão
- 4.º — Porto
- 5.º — Lagos
- 6.º — Faro
- 7.º — Portimão
- 8.º — Ponta Delgada
- 9.º — Murtosa

Anote-se como curiosidade que pela primeira vez se pôs de parte o sistema de sorteio de barcos em prova serem precisamente iguais o que deu uma ideia mais exacta das possibilidades dos concorrentes, antes sujeitos à contingência da sorte.

ENTREVISTA COM FERNANDO FERREIRA

EXCELENTE classificação obtida pela tripulação de Olhão constituída por Fernando Ribeiro (Leme) e Rosário Fernandes (Prôa), levou-nos a trocar algumas impressões com o responsável pelo de Vela da M. P. em Olhão, Fernando Ferreira, que de há muitos anos a esta parte é o grande e único baluarte da Vela em Olhão.

Disse-nos Fernando Ferreira que a classificação obtida por Fernando Ribeiro — Rosário Fernandes se reveste de uma grande importância para a Vela olhanense, pois apenas Setúbal e Lisboa, profundos conhecedores da zona onde se disputaram as regatas, con-

seguiram fazer melhor. Além disso teremos que ter em conta o facto de há um ano não existirem SNIPES em Olhão.

Perante o nosso espanto, Fernando Ferreira, disse-nos: — Quando da demolição do antigo edificio do Centro de Vela ficámos sem instalações e os dois SNIPES que pertenciam ao Centro passaram para Fa-

feito há muito e desde 1955 que foi remetido para Lisboa. Embora todos os anos no relatório das actividades do Centro, se frize a necessidade premente das novas instalações, até à data ainda não recebemos qualquer resposta.

Qual é a actual situação da Vela no Algarve, fora da M. P.?

Apenas em Faro, o Giná-



LUSITOS NO RIO GUADIANA

rio. Depois disso arranjámos instalações, que embora provisórias e muito longe de serem as ideais, nos permitem um certo desafio, mesmo superior ao do Centro de Faro. Contudo, os SNIPES até à data ainda não nos foram devolvidos. Deste modo, a nossa equipe não podia levar a preparação desejada.

Estou, no entanto, esperançado em que nos sejam distribuídos dois novos Snipes dos vinte que a M. P. recentemente recebeu.

Sabemos que existe de há muito um projecto para um novo edificio com todas as condições necessárias para a instalação do centro. Que há a esse respeito?

— Bem o projecto está

sio Naval e o Sport Lisboa e Faro praticam a modalidade em condições razoáveis. Em Olhão o Clube Desportivo «Os Olhanenses» tem uma secção de Vela devidamente legalizada, mas infelizmente por falta de fundos não possui instalações, e conta apenas com dois barcos inscritos.

Pouco mais haveria a dizer e resolvemos pois acabar com a nossa entrevista. Ficámos contudo com a impressão que os interesses da Vela algarvia têm sido um pouco descurados pelas entidades superiores.

Resta-nos desejar que o Algarve ocupe em breve o lugar a que tem direito na Vela Nacional.

Frederico Rebello

OUVE-SE PARA QUANDO E DIZ-SE A ASSOCIAÇÃO DE ANDEBOL?

Que Caldeira, que na última época alinhou pelo Portimonense, trocou os ares da Praia da Rocha para o Farense na próxima época.

Que Jaruga continuará ao serviço do Lusitano por mais uma época.

Que a José Martins corredor do Ginásio de Tavira, foram ofertadas duas bicicletas além de outras lembranças, pelo seu comportamento na «Volta» deste ano.

Que o Lusitano regeitou um convite do Aiamonte C. F., por ter de realizar alguns encontros nas datas propostas por aquele clube espanhol.

Que Daniel, guarda-redes do Portimonense, continuará ao serviço daquele clube e não do Olhanense como foi anunciado.

Que já se encontram completas as obras do campo de jogos do Lusitano, pelo que na próxima semana já se realizarão os treinos naquele rectângulo de jogos.

Que Campos, o defensor central dos lusitanistas, não jogará esta época pelos encarnados, por aquele jogador partir para Lourenço Marques.

O LUSITANO EM DIGRESSÃO POR ESPANHA

PARTIU anteontem para Espanha a equipa do Lusitano Futebol Clube, que em Espanha vai realizar uma série de desafios, que serão certamente benéficos para a equipa vila-realense com vistas à nova época que se avizinha.



VILARREALENSES:

Se quereis engrandecer o clube da vossa terra, inscrevei-vos para sócio do LUSITANO FUTEBOL CLUBE

ES aqui um problema acerca do qual nunca é de mais falar — a criação da Associação Regional de Andebol. Na realidade não se justifica a sua existência, que é de há muito uma aspiração, mais do que uma aspiração, uma necessidade do desporto algarvio.

Poderá parecer à primeira vista que o número e a qualidade dos praticantes não justifica tal aspiração. Contudo se tivermos em conta que nos últimos anos as equipas algarvias da Mocidade Portuguesa têm obtido excelentes classificações, e que é à M. P. que a maioria dos Clubes Nacionais vão buscar os seus praticantes, compreender-se-á a necessidade de tal Associação para o Progresso da modalidade no Algarve.

Embora ela seja desconhecida do grande público, possui condições para conquistá-lo rapidamente como sucedeu o ano passado quando da disputa do primeiro Torneio algarvio de Andebol, em Olhão, com a

O OLHANENSE CONTRATA UM AÇOREANO

Segundo noticias que nos chegaram, o Sporting Clube Olhanense acaba de contratar um jogador açoreano. Contudo a hora que a noticia nos chegou não tivemos possibilidades de a confirmar pelo que a apresentamos sob reserva.

participação de seis equipas, do qual saiu vencedor o Sporting Clube Olhanense. Assim embora absolutamente inédita ela arrastou uma pequena multidão, ao princípio apenas curiosa, mas já depois entusiasta.

Além de tudo o mais, a falta de uma associação faz perder para a modalidade um grande número de praticantes que depois de atingirem o limite de idade na M. P. se vêm sem possibilidades de praticá-la.

Por tudo isto perguntamos e continuaremos a perguntar: para quando a Associação Regional de Andebol.

UMA ENTREVISTA POR SEMANA

Por motivos alheios à nossa vontade, fomos forçados a não publicar esta semana a habitual «Entrevista por Semana», facto pelo qual pedimos imensa desculpa.

PARRA NO PORTIMONENSE

Segundo consta, Parra, o internacional júnior do Olhanense, ingressará no Portimonense na próxima época. A noticia é no entanto também dada sob reserva, por não ter podido ser confirmada.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

TINTAS EXCELSIOR



J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

REALIDADE E FANTASIA

(Conclusão da 1.ª página)

livre expansão de uma terra sob o insustentável pretexto de que o seu progresso prejudicaria o desenvolvimento da terra vizinha o mesmo seria que se na rua de Santo António, em Faro, ou na rua do Comércio, em Olhão, se proibisse, num abuso de autoridade, a abertura de mais de um estabelecimento do mesmo ramo de comércio com a alegação de que a proximidade seria mutuamente prejudicial. Ao contrário do que poderia concluir o raciocínio primário de um espírito tacanho, o resultado seria catastrófico para o próprio comércio, que irracionalmente se pretendia defender. O público, por um comodismo inato, ocorre em massa aos locais onde se concentram os seus motivos de interesse e só por impera-

tivo de necessidades irrecusáveis se resolve ao esforço de vencer distâncias, dispersando energias. Ocioso seria insistir em que, mesmo havendo vários estabelecimentos comerciais congêneres em qualquer das ruas citadas, cada um deles tem maior movimento do que os estabelecimentos do mesmo ramo espalhados pelas outras ruas da cidade e da vila. É um fenómeno da psicologia das multidões, que lhes rege os actos por mil imponderáveis, provocando reacções e actos aparentemente incompreensíveis.

Ora, como todos os que ocupam lugares de comando, quer no plano regional, quer no nacional, devem ser, por definição, pessoas esclarecidas e de espírito aberto a grandes ideias desapaixonadas, aceitar como verdadeira a hipóte-

se justificativa da falta de progresso de Olhão, seria reconhecer que alguns responsáveis, abusando da autoridade que lhes conferem os cargos, cometiam um crime de lesa-pátria. Não poderia ser classificado de outra forma o abuso do poder com que arbitrária e intencionalmente se pretendesse asfixiar a livre e legítima expansão de um importantíssimo núcleo populacional, de tão grande peso na economia regional e, até, na da própria Nação.

É claramente inadmissível hipótese tão absurda...

Descendo do mundo das fantasias ao das realidades palpáveis, o que se verifica é que de um lado traduzem por actos de vontade o seu amor à terra, a que imprimem num ritmo incoerente de progresso admirável; do outro la-

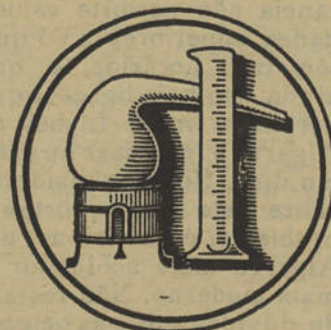
«NOTÍCIAS DO ALGARVE»

VENDE-SE EM LISBOA

na Tabacaria Antunes & C.
Av. Almirante Reis, 22-C
(aos Anjos)

do está uma população inteira de alma e de braços caídos, procurando justificar a própria inércia com supostas faltas do vizinho.

E seria, porventura, totalmente descabido perguntar se não há alguns olhanenses que, por interesses ou motivos inconfessáveis, voluntariamente entravam o movimento progressivo da Vila, ou, pelo menos, se não se regozijam no íntimo com a inércia que pesa actualmente sobre esta terra, me-recedora de carinho mais activo?
Dr. L. Moreira dos Santos



PRODUTOS QUÍMICOS E INDUSTRIAIS
LUSINDUSTRIA

DESODORANTES
DECAPANTES E DETERGENTES
VIÚVA DE ILDEFONSO VARELA SANCHO
RUA DIOGO CRISTINA, 15 — OLHÃO — TELEF. 326

CACELA VELHA HÁ 200 ANOS

1 NO ano de 1758, a Vila de Cace-la contava 291 fogos com 702 pessoas grandes e 126 pequenas, que viviam em quintas e fazendas e as da serra em sesmarias.

Posto que fosse uma só paróquia, com prior e ajudador, em seu termo entrava parte da freguesia de Beleite e também a freguesia do Azinhal com seu cura, ambas freguesias pertenciam a Castro Marim.

Com légua e meia de comprimento do Norte a Sul, a freguesia não tinha lugares nem aldeias, salvante a de Santa Rita e a do Pé da Serra, onde se erguia a ermida de Santa Rita, da qual fora fundador o então prior de Cace-la, Padre Duarte Correia de Freitas.

O orago da paróquia era Nossa Senhora da Assunção, conquanto tivesse sido Santa Maria.

Na igreja, de três naves, havia um altar de nome Jesus e na mesma parede o altar das Santas Almas. Ornava o altar de Santo António, do lado do Norte, a imagem da Senhora do Rosário; e, na capela da Senhora dos Mártires guardava-se o Santíssimo Sacramento.

Com o terramoto do ano de 1755, a capela-mor achava-se caída, mas o corpo do templo ia-se ratificando à custa dos fregueses.

Contando três irmandades, a do Santíssimo, a do Rosário e a das Almas, na véspera, no dia da festa do orago e durante o ano vinham à igreja algumas romarias.

2 COMO o pároco fosse da Ordem de Santiago, cobrava de renda anual dois moios e quarenta e oito alqueires de trigo, dois moios de cevada, uma pipa de vinho e 15\$000 réis em dinheiro, tudo pago pela dita Ordem.

Mais recebia da Mitra e do Cabido sessenta e dois alqueires de trigo e trinta e seis de cevada e do pé-de-altar teria uns 100\$000 réis, mais ou menos, por ser receita contingente.

Senão existiam no termo da vila conventos nem hospital, a chamada Casa da Misericórdia não gozava da ereção régia, mas, no entanto, achava-se benzida a igreja por ordem do Bispo, D. Francisco Barreto.

Foi por esse tempo que se constituiu a Irmandade da Misericórdia, em 17 de Novembro de 1675. Cobrava 2\$575 réis de foros e 6\$000 réis de renda, despendendo, também por cada ano, 4\$640 réis de uma pensão.

3 A Vila de Cace-la disfrutou privilégios iguais aos dos moradores de Lisboa, dados por El-Rei D. Dinis em 17 de Julho de 1285, já perdidos por inércia de seus naturais. Foi aquele monarca quem concedeu a vila à Ordem de Santiago.

E, como cabeça da Comenda de Santiago, tinha por comendador a Dom Luís de Portugal, havendo tradição de várias famílias de renome terem residido no termo da vila, como a de Pedro Mascarenhas e a dos Cortes Reais. Com dois juizes ordinários na

POR JOSÉ ESTEVAM

vila, apenas por apelação ou agravo as questões passavam ao Juizo da Conceição de Tavira, por ser ouvidor das terras do Mestrado da Ordem de Santiago.

Não se fazendo feiras da freguesia, não havia correio nem existiam propriedades notáveis, senão três lagares de azeite e um moinho, que só trabalhava quando chovia, e duas hortas ou pomares e um com nora.

Da Fonte Santa, não se conhecia mais virtude que a do nome.

O castelo, que padecera grande dano no terramoto de 1755, pouco faltava para de todo se restaurar, como também estavam quase renovadas as cinco casas e as da Câmara, únicos edificios da vila.

Não se descobria da vila povoação alguma mais que a de Santo António de Arenilha, que não contava senão umas cabanas e muitas chavegas, a que também chamavam Praia de Monte Gordo.

4 CORRIAM no termo a ribeira da Gafa, que brotava da serra, e a de Belixe, nascida na freguesia de Santo António do Machial, que cortava a serra e se metia no rio Guadiana.

Não faltavam na serra plantas e ervas medicinais; e toda ela andava de «cultura com roças» e de alguns planos de alqueive; e no

termo colhia-se variada casta de frutos, mas em maior quantidade amendoas e azeite quando o havia, porque era novidade muito incerta.

Criava-se na freguesia toda a raça de gados e o mais numerozo era o caprino. Abundavam perdizes, coelhos e algumas lebres, dava-se conta de grande cópia de raposas e de poucos porcos monteses e lobos.

Iam pescar à costa de Cace-la os barcos de Aiamonte e de Tavira, mas as dízimas pertenciam a esta última cidade.

Cultivavam-se, em algumas partes da costa, trigo, cevada, milho e melões.

A temperatura da vila era moderada, porque nem de Verão se sentia demasiadamente cáldia, por via dos ventos, nem de Inverno, porque as casas ficavam muito acima do mar, cuja praia não permitia a entrada de embarcações.

Eis o que informou o Patriarcado de Lisboa, no ano de 1758, o prior de Cace-la, Padre Duarte Correia de Freitas, para que se modificou no estilo e na disposição dos assuntos, e que se encontra no livro do Dicionário Geográfico de Portugal, de fls. 149 a 155, manuscritos da Torre do Tombo.

José Estevam

FESTAS de N.ª S.ª das Angústias

As facilidades de fronteira por motivo das Festas de N.ª S.ª das Angústias, em Aiamonte, são, no corrente ano, concedidas exclusivamente às pessoas que têm residência



AIAMONTE

habitual no concelho de Vila Real de Santo António.

As pessoas que residem noutros concelhos, só poderão transpor a fronteira se apresentarem passaporte ou certificado colectivo de Identidade e Viagem.

"NOTÍCIAS DO ALGARVE"
VENDE-SE EM LEIRIA
na Papelaria VITAL

O INFANTE D. HENRIQUE NA CONQUISTA DAS CANÁRIAS



A SITUAÇÃO DE CASTELA

REI de Castela andava ocupado com a tomada de Gibraltar, no ano de 1509. Em 1515, com o Rei de Aragão, travou uma batalha contra o Rei de Tremecem. Em 1525, o almirante Tenório, de guarda ao Estreito, teve de fazer frente a uma esquadra Muçulmana. Não quero, por

isso, crer que Castela estivesse livre para se lançar em empreendimentos Atlânticos quando ao pé da porta e dentro de casa se achava a braços com o seu inimigo irreductível: o mouro. Castela, em 1532, perdeu Gibraltar. Em 1534, D. Afonso IV de Portugal e Afonso XI representaram ao Papa para «fazerem guerra aos pérfidos agarenos» e solicitaram a dízima por dez anos de todos os rendimentos das igrejas, catedrais etc. Neste intuito celebraram pactos e alianças. Mas em 1537 o rei de Castela fez a guerra, não aos mouros, mas a Portugal. Entrou pelo Sul e cometeu as maiores depredações no Algarve.

O almirante Tenório aprisionou a esquadra de Pessagno, próximo de Cabo de S. Vicente. Pessagno e seu filho Carlos foram levados a Sevilha, com as galés aprisionadas, as tripulações a ferros e a bandeira real roçando as águas de Guadalquivir. Os Pessagnos foram levados para Gerez, enquanto a bandeira de Portugal era exposta numa varanda em Sevilha e sujeita a afrontas.

Nesta situação se encontravam as cousas quando os mouros renovaram seus ataques.

Diz o justo Ballesteros: «estabelecidas as pazes (de Portugal) com os soberanos de Castela, os barcos lusitanos, sob o comando de Manuel e Carlos Pessagno, contribuíram para a vitória cristã de Salado contra as hordas invasoras de Benemecem (1340) e igualmente ajudaram a tomada de Algeciras, guardando o Estreito de Gibraltar».

A vitória do Salado, em que se combateu na proporção de 1 cristão para 10 mouros, foi justamente apreciada pelo P.ª Mariana na

A Jovem Algarvia ALCINA DE JESUS PARTIU PARA O BRASIL

Alcina de Jesus, a jovem algarvia a quem o Presidente Kubitschek de Oliveira, quando da sua visita a Sagres, convidou a visitar Brasília, partiu, no dia 25, por via aérea para o Brasil.

A apresentar despedidas esteve no aeroporto o próprio embaixador do Brasil em Portugal, dr. Negrão de Lima.

«História de Espana», sendo de exaltar o gesto do nosso D. Afonso IV, ao renunciar ao rico despojo do rei mouro. Deu-se por bem pago por ter ajudado o Rei castelhano e corrido a salvar Tarrifa, onde o medo já fazia o seu officio. Então a esquadra de Tenório estava vencida e a que foi em seu socorro perdida estava numa tempestade.

Pois foram as galés e tripulações que estiveram a ferros, comandadas por Manuel e Carlos Pessagno, as que combateram pelos seus carcereiros e que alcançaram a mais brilhante vitória, sem outro interesse que defender a Cristandade.

Génova, orgulhosa dos feitos de Carlos Pessagno (2) inscreveu o nome deste numa lápida numa igreja. Porém, raros são os historiadores de Espanha que dão o justo realce a este gesto nobre, que foi de interferência, mas bem contrária à que de principio aludiu e que foi mencionada pelo Prof. Rafols.

(2) — Morreu em vida do pai.

Continua

J. Nascimento Moura

1.º DIA DAS FESTAS EM TAVIRA

(Conclusão da 1.ª página)

o Jardim Público feérica-mente iluminado e com característicos «stands» regionais com artigos de artesanato e decorado caprichosamente, oferecia um ambiente de Luz, Cor e Poesia.

Perante uma assistência de milhares de pessoas, exibiram-se, com geral agrado, os afamados Ranchos Folclóricos de Almeirim e de Sto. Estevão de Tavira, que foram calorosamente aplaudidos.

O desfile do «Folclore Nacional», em que tomaram parte cerca de 30 figuras representativas de algumas

(Conclusão da 1.ª página)

projecta no chão «claros-escuros», deixando entever por vezes, visões caligaristas.

Na árvore fronteira ao banco onde me encontro, um gato semea o pânico entre os pardais que dormitam.

Voltam a soar as 11 horas no relógio do Arco da Vila, para recordar áqueles que como eu sonham acordados, aos amourosos que passeiam enlaçados pelas áreas laterais do jardim, às crianças e aos velhos que o dia está prestes a findar e que um outro cheio de esperanças se aproxima.

Um grupo de pretensos «Teddy-Boys» passeiam pela avenida central do jardim, os seus blusões de malha, cheios de emblemas, enquanto que alguém num dos bancos ao lado do meu, os compara com certa figura popular da cidade, que apelidamos de «Mestre Cuco».

Volto a concentrar-me numa tentativa de encontrar algo de interessante para escrever, e eis que começam a passar em desfile perante os meus olhos, alguns casos ocorridos durante a semana. Destes factos, somente um mereceu para mim, relevo especial. A passagem do «ECO I».

Meia-noite e quarenta minutos, de um dia igual a tantos outros, desta semana. Dezenas de pessoas, concentram-se nos cafés, no jardim ou encostados ao parapeito da doca. Todos perscrutam o céu na ânsia de divisarem a aproximação do satélite. De quando em quando, um mais engraçado, aponta para o céu, e clama em altos gritos — aí vem ele.

Logo todos aqueles olhos procuram distinguir dentro da confusão de estrelas uma luzinha móvel, que possivelmente se desloca no sentido poente-nascente. Ao fim de infrutíferas buscas através da miríade de estrelas e planetas, e já com uma pequena dor no pescoço, motivada pela imperti-

nente posição, todos declaram,

— não é nada, ainda não se vê. O tempo passa, a vida nos cafés e jardim continua, somente os persistentes ficam firmes no seu posto de alerta, aguardando a chegada do «desejado».

Porque esta noite é igual a tantas outras desta semana, a visita do ECO também se repete, e o tal sujeito persistente, que nunca abandona o seu posto, declara por fim orgulhoso do seu triunfo. — Agora é que é ele. Vem além. Olhem aqui através dos mastros destas barcas. Um a um, todos os que se encontram próximos, vão-se chegando para junto dele.

— Agora sim, aí vem ele. Consultam-se relógios. — Vem atrasado, dizem uns. — Vem à tabela, afirmam outros. Ao fim de escassos minutos, já toda a gente o vê.

Os que esperavam no parapeito da doca, os que passeavam, no jardim e alguns sentados no café, o esperavam também, não sem demonstrar antes a sua apatia.

Todos sorriem satisfeitos de terem visto o satélite, uma das glórias da ciência moderna, e, por fim, orgulhosos, proclamam em altas vozes.

— Eu também o vi.

Rui Rebocho

ESTABELECIMENTO

De mercearias e miudezas, arrenda-se ou trespassa-se.

Trata: José Gouveia
Rua Marquês de Pombal, 8 — OLHÃO.

Velhos Problemas de Monte Gordo

(Conclusão da 1.ª página)

que existe naquela praia, mas já os pais ali se não puderam aboletar por falta de lugar. E aqui se acentua uma das grandes deficiências de que sofre Monte Gordo: a falta de instalações para pessoas de meia economia. Existe o hotel, que está ali e com muitos louvores, mas nem todos o podem frequentar, por escassez de recursos. Não haverá ninguém que se abalance a erguer ali uma pensão que a todos se afigura capital de rendimento seguro?

Que irá dizendo para Lisboa aquele casal e como ele tantos

PORTO RAINHA SANTA

ATÉ
OS ANJOS
BEBEM!...

RODRIGUES PINHO
& C.ª

VILA NOVA DE GAIA



outros a quem se traça destino igual?

O mercado estava bem nos primeiros tempos do desenvolvimento da praia, mas agora é tacho, ficando bem numa aldeia de limitados recursos, mas não ali.

O calcetamento das ruas está incompleto.

Só uma parte da povoação está calcetada.

A igreja, bastante frequentada, tem o seu largo fronteiro em barro batido e dali para diante é tudo areia solta com grave prejuizo dos naturais que têm maior dificuldade de deslocação e vêm desvalorizados os seus prédios e dos frequentadores da praia que se aborrecem em caminhar por caminhos impróprios de pé humano.

E já agora quero referir-me ao edificio do posto da Guarda Fiscal. Já ouvimos que anda ali metida a famigerada Burocracia a que o seu jornal há pouco se referiu com verdade e ironia. Se isto é verdade, temos ali monumento nacional para muito tempo. O edificio é velho, ridículo no meio de formosas construções que ali se levantam e não tem condições de dignidade para ser uma repartição pública e está condenado por anti-higiénico. Numa povoação onde há e goios, uma repartição do Estado tem de fazer los para a rua e o seu pessoal para satisfazer as indeclináveis necessidades corpóreas tem de se socorrer da central eléctrica, seja dia ou noite, faça calor ou chuva. Sabemos que se aguarda uma profunda remodelação na corporação da Guarda Fiscal, mas isso não nos parece motivo bastante para entorpecer ou dilatar o que urge fazer.

Ainda outras coisas haveria a dizer mas não nos alongamos mais e perdoe-se o nosso desabafo pelo muito amor que temos à linda praia do sotavento algarvio, vosso encanto e que virá a ser, disso estamos certos, vosso orgulho.

Do seu

Velho Leitor

acorreu à Festa do Folclore que a cidade do Gilão ofereceu às gentes do Algarve.

No próximo número, daremos mais pormenorizadamente, a descrição dos outros dias de festa que são de 1 e 4 de Setembro.

Luís Sebastião Peres

FOTOGRAFIA CAMPINA

Rua Dr. Miguel Bombarda, 1 // OLHÃO // Telef. 255

UMA INICIATIVA CULTURAL EM ALMADA

Está em organização em Almada, uma corporativa cultural, de nominado Círculo Cultural Corporativo, que se destina a reunir no seu seio, todas as pessoas de boa vontade sedentes de cultura e que se interessam pelos problemas vivos da arte, e principalmente, o sector jovem da nossa sociedade, que se vem vindo desinteressando das questões desta natureza.

Dentro desta orientação o «círculo» tem como finalidade: promover ciclos de estudos, palestras ou fomentar debates sobre vários assuntos de interesse cultural.

Pugnar para que seja proporcionado ao seu contingente de jovens, uma actividade criadora, adaptada às condições, nas quais se desenrolará a sua vida de hoje e do futuro.

Organizar exposições de arte, espectáculos (teatro, cinema e ballet) ou recitais de música.

Promover o intercâmbio cultural, quer de ordem artística, literária ou científica.

Criar, entre outras, uma secção de teatro, a funcionar dentro dos moldes lançados pelo C. C. C. (Teatro Popular de Almada).

J. M.